Plural Pluriel

Entrevista: contadoras de histórias do grupo timorense Haktuir ai-knanoik

Daniel Batista Lima Borges
Université Paris Nanterre

Em Timor-Leste há uma imensa variedade de línguas e de culturas diretamente ligadas a essas línguas. Boa parte dessa diversidade encontra sua forma de expressão na narração oral. Em Dili, capital do país, interesse pela literatura oral e pela contação de histórias tem feito surgir iniciativas consequentes. Com livro lançado no início de junho de 2018[1], e uma desenvoltura marcante em suas apresentações, o grupo de contadores de histórias Haktuir ai-knanoik[2] insere a narração de histórias orais no centro das manifestações culturais da capital. O trabalho do grupo de contadores reacende o debate sobre o lugar da literatura oral na transposição da modernidade e das literaturas de língua portuguesa em Timor-Leste Para o grupo Aiktuir-aiknanoik, o maior problema das tradições orais hoje é, de um lado, a pouca atenção dada aos mais velhos, e, de outro, a hiperexposição dos jovens aos telefones celulares no país do Sudeste asiático.

Formado inicialmente por estudantes de Letras na Untl em 2014, o grupo *Haktuir ai-knanoik* (do tétum, "*contar histórias*") compõe-se atualmente de 12 integrantes, hoje professores jornalistas e tradutores: Olga Boavida, Natércia Maia, Sandra Viana, Aquelina Muniz, Mônica de Araújo, Juliana Antonio, Gertrudes Natalina, Natália Soares, Novinda Fernandes, Natalícia Magno, Maria da Rosa, Tarcísio, Sirimau e David. Todos são residentes em Dili, têm entre 20 e 30 anos, falam cada um entre cinco e oito línguas e são provenientes de diversas regiões em Timor-Leste: Aileu, Ainaro, Baucau, Lospalos, Bobonaro e Viqueque.

Suas apresentações se constituem de *performances* de histórias tradicionais de várias culturas timorenses. Após períodos de pesquisa nos municípios timorenses, quando os integrantes do grupo procuram os contadores tradicionais, o grupo traduz as histórias recolhidas para o português e compõe seu repertório de apresentação. O grupo tem realizado experimentações com literatura oral e apresentado para um público bastante variado, modelando o campo literário em Dili para além da perspectiva escrita, como um sistema que pode relacionar autores e ouvintes de forma extremamente dinâmica.

1 Ver resenha do livro *Histórias da minha origem: Aiknanoik Ha'u Nia Hun*, de Cavalcante e Cunha (2018), na edição 19 da revista *Plural Pluriel* em: < https://www.pluralpluriel.org/index.php/revue/article/view/187 >.

2 Contato do grupo Hakktuir-aiknanoik: < aiktuir@gmail.com >.

Na *Fundação Oriente*, sede do grupo, as integrantes Sandra Viana, originária de Lospalos, Natércia Maia (Nano), de Aileu, e Olga Boavida, de Baucau, falaram à ***Plural Pluriel*** sobre a participação na vida atual da literatura oral em Timor-Leste, sobre o processo de surgimento do grupo, sobre sua atuação em Timor-Leste.

[Figura 1 : Contadoras de história na Fundação Oriente, em Timor-Leste. Fonte: acervo do autor]

Daniel Borges (DB): *Como começou o grupo? Ouvi falar que vocês começaram em uma aula de literatura.*

Olga Boavida: Sim, o grupo surgiu em uma disciplina de literatura brasileira, com a professora Márcia Cavalcante. A professora Márcia pediu-nos que fizéssemos um trabalho para pesquisar, ou recolher, as histórias nos municípios de Timor-Leste. Aí, nós começamos a regressar para as montanhas para recolher: "Porque Baucau[3]? Porque esse nome?" Fomos pesquisar isso. Eu sou de Baucau e fui lá saber. Daí cada um foi saber a história do seu município. Essas histórias foram publicadas em livro. Daí isso nos incentivou, pois é muito importante promover nossa história. Quando vamos para as montanhas, vemos que os jovens não sabem porque um lugar tem determinado nome. E os velhos vão um dia embora. Então, como nós podemos manter essas histórias vivas? Assim, essa iniciativa tinha o objetivo de criar um grupo para divulgar as histórias. É assim que surgiu o grupo. Fizemos uma apresentação no *Museu da Resistência*[4] e todo o mundo nos viu. Daí todos começaram a nos pedir apresentação. Daí nós continuamos unidos depois de

3 Município de Timor-Leste.

4 O *Arquivo & Museu da Resistência Timorense* (em tétum: Arkivu & Museu Rezisténsia Timorense) é uma entidade vocacionada para a preservação da memória e do património histórico do povo de Timor-Leste, especialmente junto das camadas mais jovens. Para mais detalhes, ver a *Carta de Princípios do Arquivo & Museu da Resistência Timorense*: < http://amrtimor.org/amrt/amrt_carta_principios >.

terminar a disciplina de Literatura Brasileira. Depois disso, continuamos a pesquisar e recolher histórias.

Natércia Maia: Nós decidimos contar histórias, porque aqui em Timor-Leste tem cada vez menos pessoas que contam histórias. Antes sim, havia nossos avós e bisavós que contavam histórias, mas agora já não há muitas pessoas para contar, então nós decidimos valorizar essa herança dos bisavós para os adultos e crianças. Daí nós elaboramos e produzimos um livro. E sempre tem pessoas ajudando, como a professoras brasileiras Márcia Cavalcante e Keu Apoema, e a professora timorense Fernanda Sarmento, que nos ajudam com a revisão. Foi assim que nós conseguimos produzir um livro. Mas além do livro, nós também contamos histórias para jovens, adultos e crianças: aqui em Dili, na *Fundação Oriente*, nos bairros na Untl; e também nos outros municípios de Timor-Leste.

DB: *E quando você vão fazer as pesquisas, como é que vocês chegam até as pessoas? Vocês explicam o que para elas?*

Olga Boavida: Ali, quando entrevistamos uma pessoa, nós temos de saber qual é o objetivo. Senão as pessoas não vão contar as histórias para nós, porque aqui em Timor-Leste, algumas histórias são proibidas, pois são sagradas. Assim, nós sempre entrevistamos os mais velhos, e ali, através da entrevista, então os velhos acabam por contar as histórias.

[Figura 2: Olga Boavida. Fonte: acervo do autor]

DB: *E qual era o objetivo que vocês diziam?*

Natércia Maia: Explicamos que o nosso objetivo é para promover as histórias timorenses e também não é só as histórias, pois como escrevemos as histórias em duas línguas, tétum e português, podemos promover as nossas língua oficiais.

DB: *E vocês contam as histórias proibidas? Eles não deram permissão?*

Natércia Maia: Nós respeitamos e contamos só as que podem ser contadas. Mas nós explicamos para eles: "um dia vocês vão embora, e essas histórias se acabam". Como o Amandou Hampâté Bâ disse que "um velho morre é uma biblioteca que se queima". Nós também explicamos isso, eles se convencem e contam!

DB: *E vocês só contam em língua portuguesa?*

Olga Boavida: Olha, as histórias que contamos não é só em língua portuguesa e em língua tétum, também contamos em língua materna! Uma vez, fomos a Lospalos e a minha amiga contou lá a história que colhemos em outro município. Ela contou em fataluko[5], língua materna de lá.

DB: *E as pessoas tiveram uma reação diferente?*

Natércia Maia: Muito contentes! Eles ficaram assustados e, sabendo que somos de Lautém, eles se perguntaram "como elas sabem contar a história em fataluko?" Porque, normalmente, se não sabe a língua, não sabe as histórias do outro, não é ?

[Figura 3: Natércia Maia. Fonte: acervo do autor]

5 Língua falada no município de Lospalos.

Olga Boavida: Exatamente! E as histórias que recolhemos, os velhos não contam em tétum, eles contam em língua materna. Depois traduzimos, e como eu sou de Baucau, eu vou entrevistar um velho da minha aldeia, e como eu é que sei essa língua, eu vou traduzir sozinha em tétum. Daí nós lemos juntos e traduzimos em português.

DB: *Vocês têm muitas histórias guardadas?*

Natércia Maia: Sim, nós temos muitas, só que agora nós só contamos seis histórias, que escolhemos para apresentar. Temos umas trinta e tal guardadas.

DB: *Qual é o critério para escolher uma história para apresentação?*

Natércia Maia: Nós vemos pelo público-alvo. Se criança, se adulto. As crianças gostam muito de histórias sobre animais, contos mágicos. Os adultos gostam mais de histórias de princesas, de amor.

DB: *E como funciona uma apresentação de vocês?*

Olga Boavida: Primeiro, colocamos uma música e fazemos um jogo para chamar a atenção do público-alvo. As pessoas não sabem o que vai acontecer e, de repente, aparece a contadora. Sempre entre uma história e outra tem jogo ou adivinha. E também as histórias que recolhemos, como a história que minha mãe me contou, publicada em livro. E dentro da história tem uma música. Às vezes começamos com a música antes de contar a história.

[Figura 4: Sandra Viana. Fonte: acervo do autor]

DB: *E quais os tipos de história podemos encontrar em Timor-Leste?*

Olga Boavida: Contos, lendas, fábulas, histórias de origem do município, por exemplo, a história da montanha de Matebian de Baucau, também uma história sobre um porco que se transforma em princesa. Esta história ainda não foi publicada no livro, é a que minha mãe me contou.

DB: *E em Timor-Leste tem muitas adivinhas?*

Natércia Maia: Ah, sim, em Timor-Leste tem muitas adivinhas. Por exemplo: o que é o que é, que é igual a uma esteira que enrola, enrola, mas nunca acaba? Passa noite e dia enrolando… (risos) Na escola, antes da aula, os professores propõem uma adivinha para os alunos, e os alunos imediatamente respondem "eu também tenho adivinha! Eu também!"

DB: *Eu respondo no final da entrevista (risos). Quantas vezes vocês se apresentam por mês?*

Natércia Maia: Neste ano nós nos apresentamos muitas vezes.

DB: *E vocês são conhecidas aqui em Dili?*

Natércia Maia: Uma vez, nós apresentamos uma história com um personagem chamado Mossoko, no programa de rádio da RTTL, "histórias para sonhar". Depois disso, quando nós vamos para o município, as crianças vêm de longe gritando "Mossoco, Mossoco!" Algumas apontavam pra mãe e diziam "mãe, mãe, Mossoco, Mossoco!" impressionante como as crianças memorizam as histórias que contamos.

Olga Boavida: Quando contamos uma história que tem um nome forte de personagem, é certo que os pequenos vão nos chamar pelo nome desse personagem. É Mossoco pra todo lado. Mesmo quando andamos na rua, vemos algumas crianças cochichando e apontando pra gente.

[Figura 5. Fonte: acervo do autor]

DB: *Como é a recepção do grupo?*

Natércia Maia: Isso é que eu não sei. Muitas pessoas disseram que gostam. Nunca tivemos uma resposta negativa. Algumas vezes quando contamos a história Lua e Sol, alguns dizem "ah, essa história já ouvimos!" De vez em quando as pessoas mais velhas reconhecem as histórias e dizem "ah, essa história a minha mãe me contou". E tem as crianças, que sempre que nos veem pedem: "*Mana*, conta outra vez Mossoco!". Quando nós fomos outra vez em Manatuto para a feira do livro, fomos só para vender os livros, não para contar. Daí as crianças vinham e nos pediam "professora, conta Mossoco!". As crianças ficavam insistindo para contar história e eu tive que dizer "agora não é hora de contar história, é hora de vender os livros!".

DB: *Como professoras de língua portuguesa, vocês usam as histórias na aula?*

Natércia Maia: Ah, sim! Eu conto e os alunos gostam muito. Eu também peço para eles contarem. Eles adoram! Eles pedem para os pais contarem para eles.

Olga Boavida: Antes, quando estava no secundário, no universitário, as professoras não davam aulas como nós. Na aula que damos, incluimos as histórias. A Natalícia também deu aulas assim e sentiu a diferença. Nós damos as atividades de pré-leitura, e usamos as histórias para ensinar língua portuguesa. Eles ficam muito contentes e se expressam em português. Porque eles não se expressam em português normalmente, eles têm medo, mas assim contando as histórias eles se motivam e até um aluno me disse "professor eu quero contar histórias!". Eles conseguem aprender melhor língua

portuguesa através de histórias. Assim, o nosso grupo não só conta, recolhe e conta histórias, mas também dá oficinas para os professores, sobre como usar as histórias para ensinar os alunos. Não só em Dili, mas também no municípios. Depois da primeira oficina, os participantes se sentiram muito motivados e também nos motivaram a continuar as oficinas.

DB: *E como vocês começaram a dar as oficinas?*

Olga Boavida: Nós fomos convidadas a dar uma oficina em Lospalos com os professores e jovens voluntários. Então, isso foi em 2015 e continuamos até agora.

DB: *Quanto tempo dura uma oficina?*

Natércia Maia: Era pra ser três horas, mas eles pedem para continuar, então acaba sendo o dia inteiro… [risos].

DB: *E vocês ensinam o que?*

Natércia Maia: Nós ensinamos como contar uma história, como fazer a *performance*: olhar, tom de voz, isso é o que ensinamos primeiro. Daí fazemos exercícios de relaxamento. Então, nós dividimos todos em grupos, e eles descobrem que têm histórias. Cada pessoa em Timor-Leste têm histórias, mas não contam por medo. Daí nós pedimos para escolher uma e apresentar utilizando as metodologias que ensinamos.

DB: *Em relação ao ensino de literatura escrita em Timor-Leste, vocês acham que tem problemas no ensino em geral?*
Natércia Maia: Sim, porque o ensino de literatura geral só apareceu neste ano, de 2018. Quando estávamos no Ensino secundário geral não tivemos literatura. Nós tivemos artes, aprendemos poesia, mas não sabíamos que era literatura. Agora tem, mas muito pouco. Nós só tivemos aulas de literatura na universidade.

DB: *E os timorenses leem bastante?*

Olga Boavida: Leem pouco. Porque, por causa do contexto, só se vê telemóvel. Algumas pessoas sim, leem bastante, mas a maioria só fica com o telemóvel: dentro da microlete[6], em vez de conversar, ficam no telemóvel. Leem muito pouco, por isso é muito difícil.

DB: *Aqui tem alunos timorenses que frequentam a biblioteca?*

Olga Boavida: Poucos. Só conheço duas pessoas que vêm aqui, na biblioteca da Fundação Oriente. Mas na *Sala de Leitura Xanana* há muitas pessoas que leem, porque aprenderam inglês. Eles dizem que português é muito difícil.

DB: *Mas tem timorense que aprende tanto inglês quanto português, não é ? Vocês falam quantas línguas?*

Natércia Maia: Língua mambae, tétum, malaio um pouco, *bahasa* indonésio um pouco, e inglês o suficiente, e português.

Sandra Viana: Eu fataluko, baikeno e mambae só um pouco, inglês, português, tétum e *bahasa* indonésio.

Olga Boavida: Eu falo makassae, tetum, uaimoa e medike. A minha mãe fala uaimoa, meu pai fala makassae, e nós vivemos em um ambiente de uaimoa. Eu falo muito mais uaimoa que makassae. Mas eu forço a falar makassae, porque os meus avós não falam nem uaimoa e nem tétum, e quando íamos à aldeia do meu pai, onde moram meus avós, eu tinha que falar makassae. Assim, eu consegui falar makassae. Também falo medique, uma língua parecida com o makassae, falada em Venilale. Mas o suko é bekoli, onde se fala uaimoa, pertencente ao posto administrativo de Venilale. Falo também português e inglês, e um pouco de *bahasa* indonésio. Na verdade eu falo muito mal Bahasa indonésio (risos). Também falamos tétum térik.

DB: *Vocês sabem que isso é excepcional, não é? Os malais[7] falam duas, no máximo três. No Brasil é uma língua, o português…*

Natércia Maia: Não tem língua materna?

6 Meio público de transporte em Timor-Leste.
7 Denominação corrente em Tétum e em português de Timor-Leste para *estrangeiro*.

DB: *Tem, mas é muito restrito entre as comunidades indígenas, entre os quilombolas, e muitas culturas ligadas a essas línguas estão ameaçadas de extinção, devido ao descaso com os povos tradicionais. Com o novo presidente, agora é que essas línguas correm grave perigo. Mas a língua materna da maioria é o português. Às vezes a gente faz curso de inglês ou espanhol, por questões de trabalho.*

Natércia Maia: Sou tradutora de Tétum, e trabalho com franceses, mas com eles eu tenho que falar inglês, pois eles não falam tétum e eu não falo francês.

DB: *Pois é, os franceses normalmente são bilingues. Não falam de seis a sete línguas, como vocês.*

[Figura 6. Fonte: acervo do autor]

DB: *Qual é a importância do trabalho de vocês em Timor-Leste?*

Olga Boavida: Nós ajudamos a difundir as histórias de Timor-Leste. E as histórias que contamos não é só a de Timor-Leste, mas de outros países da CPLP. Então, nós ajudamos a partilhar as histórias que ouvimos de nossos avós. Mas nós também partilhamos a língua portuguesa, pois não é só contar histórias, mas traduzi-las em português.

Sandra Viana: Hoje em dia as pessoas não gostam de ler. Usam telemóveis, televisão e não dão importância à tradição oral. Nosso grupo é importante não só para recolher, mas para contar. Temos que contar. Isso é o mais importante para nós.

Natércia Maia: No próximo ano, vamos tentar publicar mais um livro, e queremos contar mais nos municípios. Porque os velhos estão indo embora. Aquele que contou a primeira história que eu traduzi, na aula da professora Márcia Cavalcante, ele já faleceu. E minha mãe que me disse. O nosso é o único grupo que faz isso. Mas antigamente tinham muitos grupos, segundo a minha mãe. Como não tinha televisão, minha mãe ia com meus tios à casa sagrada, onde ficavam meus bisavós. Os avós contavam histórias antes de dormir. Eles contavam uma parte em uma noite e diziam "amanhã a gente continua". E a gente ficava esperando o dia seguinte. Nós também queremos que seja assim, porque as histórias são nossas heranças mesmo, e nós queremos preservá-las.

DB: *O repertório de histórias do grupo sempre se atualiza? Vocês sempre fazem pesquisa?*

Olga Boavida: Sempre fizemos pesquisa, mas isso é que é um grave problema nesse momento. Nós não temos recurso. Porque temos muita energia para pesquisar história, porque é muito importante. Mas precisamos de recursos. Antes tínhamos cooperação, mas neste momento estamos a procurar alguém para nos ajudar, para poder ir ao município para poder ficar lá e fazer a pesquisa. O único apoio que temos agora é da *Fundação Oriente*, com atividades para crianças e jovens. A cada mês, temos três atividades, aqui na *Fundação*. Eles nos dão apoio não para a pesquisa, mas para as atividades.

Natércia Maia: O grupo é bastante ativo, mas precisa de meios para poder trabalhar, para publicar, ir à montanha para pesquisar. Também temos dificuldade com a distribuição dos livros. Porque vendemos os livros a sete dólares cada, que já é um valor muito alto em Timor-Leste. Mas as crianças querem comprar os livros, pois elas gostam muito desses livros. E temos sempre que explicar que a impressão de cada livro já custa seis dólares e cinquenta. Se pudéssemos, doaríamos para todas as crianças. Mas sempre que podemos doamos os livros para biblioteca de embaixada e de escolas.

Natércia Maia: Tem também sempre o problema linguístico, mas este está presente desde o nascimento do grupo. Às vezes temos dificuldade com o português, pois não é nossa língua materna. Assim, praticamos muito e estudamos muito. Sempre tentamos contar o máximo possível de histórias em português. Mas nós também queremos contar em língua inglesa!

DB: *Mas se vocês contarem como estão me contando agora em português, está perfeito… (risos). Para finalizar, será que vocês poderiam contar uma história?*

Olga Boavida: Claro! Vamos contar em três línguas: português, tétum e fataluko.

A entrevista continua com a narração da história Noy bani been, contada a Olga por sua mãe, Florentina de Freitas, no município de Baucau. A história Noy bani been foi inicialmente contada a Olga na língua materna Wai ma'a, e em português significa “Noy de mel”. Para ouvir o áudio com a história e a resposta da adivinha, acesse: [link 1] [link 2].

[Figura 7. Fonte: acervo do autor]